

Classe média já é maioria no Brasil

Com estabilidade econômica, faixa social intermediária avançou de 44,19% para 51,89%

Dois estudos divulgados ontem comprovam os avanços sociais registrados no Brasil nos últimos anos. Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que a classe média já representa mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do País - São Paulo, Rio de Janeiro, Belo

Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife. A estabilidade econômica e o aumento do emprego com carteira assinada colocaram mais famílias na faixa intermediária, que inclui brasileiros com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591. Desde 2002, a participação dessa classe média na população

economicamente ativa cresceu de 44,19% para 51,89%. Levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) aponta outra face do mesmo fenômeno. Até o fim de 2008, 3 milhões de moradores dessas regiões metropolitanas terão saído da pobreza ao longo de seis anos. ● PÁG. B4 e B5

FRASE

Marcelo Neri
Economista da FGV

"A nova classe média é aquele grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho. A carteira assinada é seu grande símbolo"

PESQUISA

Em 6 anos, 3 milhões entram na classe média das grandes capitais

Estudo do Ipea mostra que taxa de pobreza nas 6 maiores regiões metropolitanas caiu de 32,9% para 24,1%

Adriana Fernandes

BRASÍLIA

Entre 2002 e o final de 2008, 3 milhões de brasileiros que moram nas seis principais regiões metropolitanas do País - São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife - terão saído da pobreza. É o que aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do governo federal. A taxa de pobreza nessas seis capitais do País - onde vive um quarto da população brasileira e são produzidos dois quintos do Produto Interno Bruto (PIB) - cairá de 32,9% para 24,1%.

Esse contingente populacional passou a integrar o grupo que o presidente do Ipea, Márcio Pochmann, chamou ontem de "classe média emergente". Esse novo segmento da população se expandiu com o crescimento econômico dos últimos anos, que permitiu o aumento do emprego e da renda. Desde 2003 até o final de 2008, 4 milhões de pessoas terão saído da pobreza. Em 2003, ano seguinte à crise econômica, o número de pobres era maior do que em 2002.

A pesquisa do Ipea também apontou um crescimento do número de "novos ricos". Esse grupo aumentou 28,1 mil entre

Alta do juro pode frear tendência, diz Pochmann

... Um cenário de desaceleração do crescimento da economia brasileira provocado pelo aumento da taxa de juros poderá frear a redução da pobreza no País, disse o presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Márcio Pochmann.

Ao divulgar o resultado da pesquisa que mostra redução do número de pobres nas seis principais regiões metropolitanas, ele defendeu ações para minimizar os efeitos do aumento dos juros no crescimento da economia.

"Se não houver nenhuma medida que compense, possivelmente teremos um quadro de desaceleração da economia, que vem com menos emprego e renda, impactando o comportamento da pobreza", advertiu. Ele avaliou, no entanto, que os efeitos do aumento dos juros na economia podem ser contrapostos pelo governo.

Segundo ele, parte significativa do crescimento da economia em 2008 foi "assentada" no ano passado, quando o cenário de elevação dos juros não estava

definido. "Sinais mais concretos do comportamento da economia poderão ser observados no final do ano e início do ano de 2009."

Sem fazer críticas diretas ao Banco Central, responsável pela taxa de juros, Pochmann ressaltou que os salários não são fonte de pressão inflacionária. Ele avaliou que os ganhos de produtividade, ao não serem repassados aos trabalhadores, terminam favorecendo os segmentos mais privilegiados, que acabam acumulando maior riqueza. ● A.F.

2002 e 2008. Em 2002, as pessoas consideradas ricas nas seis regiões correspondiam a 448,5 mil.

Agora, em 2008, somarão 476,6 mil. Apesar disso, a participação de ricos no total da população nessas seis regiões metropolitanas, permaneceu estável, em 1%.

O Ipea classificou como pobres as pessoas que têm renda per capita igual ou inferior a meio salário mínimo (R\$ 207,50). Ricas são aquelas pertencentes a famílias com renda igual ou maior do que 40 salários mínimos (R\$ 16,6 mil).

Para elaborar a pesquisa, o

Ipea retribuiu informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Bra-

to, no entanto, que a pesquisa capta basicamente a renda oriunda dos rendimentos do trabalho e da aposentadoria.

POBREZA RELATIVA

"O Brasil está deixando de ser um país de pobreza absoluta para ser um país de pobreza relativa, diminuindo a distância entre o topo e a base da pirâmide", disse Pochmann. "O avanço é maior nos pobres do que nos ricos", acrescentou.

Segundo ele, a pobreza está caindo nessas seis regiões por causa do crescimento da economia, do aumento do salário mínimo, dos programas so-

Pesquisa também aponta aumento do número de 'novos ricos' no País

sileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados de 2008 foram estimados pelo Ipea, uma vez que o ano ainda não terminou. Pochmann ressal-

ciais de transferência de renda do governo, como o Bolsa-Família, e dos incentivos à agricultura familiar.

A maior queda na pobreza foi observada na região metropolitana de Belo Horizonte, onde o número de pobres cairá de 38,3% da população em 2002 para 23,1% da população até o final de 2008. Por outro lado, Recife e Salvador apresentaram as maiores taxas de pobreza: 43,1% e 37,4%.

A pesquisa também mostrou redução do número de indigentes nas seis regiões metropolitanas. Em 2002, 5,6 milhões pessoas eram consideradas indigentes e em 2008 esse contingente cairá para 3,1 milhões. Indigente na pesquisa é quem vive com até um quarto do salário mínimo por mês.

Na avaliação de Pochamann, o retrato observado nessas capitais pode ser estendido para o resto do País. Ele alertou, porém, que os ganhos de produtividade não estão sendo repassados aos salários. Isso porque, segundo ele, os mais ricos estariam "capturando" o crescimento da produtividade, sem repassá-lo para os trabalhadores com salários mais baixos. ●

MUDANÇA NO PERFIL**Porcentual de pobres e ricos nas seis principais regiões metropolitanas*****Pobres**

ANO	EM PORCENTAGEM	EM NÚMERO
2002	32,9	14.352.763
2003	35,0	15.443.528
2004	33,4	14.954.670
2005	30,2	13.752.994
2006	27,1	12.500.679
2007	25,2	11.756.563
2008	24,1	11.356.714

Ricos

ANO	EM PORCENTAGEM	EM NÚMERO
2002	1,0	448.493
2003	0,8	362.262
2004	0,8	348.751
2005	0,9	393.516
2006	1,0	437.847
2007	1,0	447.873
2008	1,0	476.596

Participação de cada região metropolitana no total**Pobres**

RECIFE	SALVADOR	BELO HORIZONTE	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
2002 2007	2002 2007	2002 2007	2002 2007	2002 2007	2002 2007
12,2 13,6	10,9 11,4	12,0 10,1	22,0 22,3	35,8 35,7	7,1 6,9

Ricos

RECIFE	SALVADOR	BELO HORIZONTE	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
2002 2007	2002 2007	2002 2007	2002 2007	2002 2007	2002 2007
6,2 5,2	7,4 7,1	6,9 10,6	21,3 21,4	52,2 50,9	6,0 4,5

Porcentual de pobres na região metropolitana de São Paulo